

ESTUDO DE CASO - PLANEJAMENTO E MÉTODOS¹

Alberto Albuquerque Gomes²

O estudo de caso tem sido escolhido, de forma recorrente, como alternativa para pesquisas sobre o fenômeno educativo. Porém, nem sempre essas escolhas são feitas com clareza e discernimento do que seja um estudo de caso.

Quando é que um caso é “digno de ser estudado”? O que o torna “relevante” para ser estudado?

Essas perguntas permeiam a discussão sobre a validade do estudo de caso como contribuição importante para o desenvolvimento científico, especialmente no que diz respeito às ciências humanas.

O que caracteriza uma pesquisa como Estudo de Caso?

Um Estudo de Caso exige do investigador, o emprego de alguns procedimentos metodológicos, como protocolo do estudo; preparação prévia para o trabalho de campo; estabelecimento de base de dados etc. Entretanto, isso é condição necessária, mas não suficiente para caracterizar um Estudo de Caso. **O Estudo de Caso deve ser significativo.** Um trabalho exemplar é aquele em que o(s) caso(s) escolhido(s) seja(m) significativo(s) e de interesse público geral. **O Estudo de Caso tem que ser completo.** Um Estudo de Caso completo pode ser identificado por pelo menos três características:

- quanto aos limites – o Estudo de Caso completo é aquele em que os limites – isto é, a distinção entre o fenômeno estudado e seu contexto – são definidos.
- quanto à coleção de evidências - um Estudo de Caso completo deve demonstrar de modo convincente que o investigador se empenhou exaustivamente, na coleta de evidências relevantes.
- quanto ao tempo e aos recursos necessários - um Estudo de Caso exige do investigador uma boa previsão na fase do “design”, para evitar falta de tempo e recursos.

Segundo Yin (2005), o estudo de caso pode ser tratado como importante estratégia metodológica para a pesquisa em ciências humanas, pois permite ao investigador um aprofundamento em relação ao fenômeno

¹ Resenha livre de YIN, Robert K. Porto Alegre: Bookman, 2005.

² Doutor em Educação pela FFC/UNESP de Marília; Professor da Pós-Graduação em Educação e do Departamento de Educação da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP. E-mail: alberto@fct.unesp.br

estudado, revelando nuances difíceis de serem enxergadas “a olho nu”. Além disso, o estudo de caso favorece uma visão holística sobre os acontecimentos da vida real, destacando-se seu caráter de investigação empírica de fenômenos contemporâneos.

O livro, dividido em seis capítulos, apresenta no primeiro, de forma bastante esclarecedora, as diversas possibilidades do uso do estudo de caso como estratégia de pesquisa, além de expor uma definição operacional e possíveis variações dos estudos de caso.

Robert K. Yin nos propõe ainda uma reflexão sobre o estudo de caso como método rigoroso de pesquisa, através de uma abordagem sistêmica e sociológica, apoiando-se em exemplos diversos, comparando com outros tipos de pesquisa. Entretanto, no prefácio à edição de 2005, afirma:

O estudo de caso há muito foi (e continua ser) estereotipado como o parente pobre entre os métodos de ciência social. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem rebaixado o nível de suas disciplinas acadêmicas. Os estudos de caso também têm sido denegridos, como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes. Esse estereótipo dos estudos de caso, que começou no século XX, continua no século XXI [...] (YIN, 2005, p. xi).

Os argumentos mais comuns utilizados pelos críticos dos estudos de caso amparam-se na suposta falta de rigor metodológico, possíveis influências do investigador, pouca base para generalizações e quanto à sua extensão, o que demanda muito tempo para serem concluídos.

Em resposta a essas críticas, Yin argumenta que há várias maneiras de evidenciar a validade e a confiabilidade de um estudo de caso. A impossibilidade de generalizações estatísticas não é argumento convincente, para colocar em dúvida a validade de um estudo de caso.

Diante dessa perspectiva, o autor pretende, em sua obra, desenvolver argumentos a favor do estudo de caso, orientando investigadores e estudantes que objetivam o desenvolvimento de estudos de caso como método rigoroso de pesquisa (YIN, 2005). Um dos argumentos mais contundentes refere-se aos equívocos em relação às generalizações estatísticas. Escreve o autor:

Um erro fatal que se comete ao realizar estudos de caso é conceber a generalização estatística como método de generalizar os resultados do estudo. Isso ocorre porque os casos que você utiliza não são “unidades de amostragem” e não devem ser escolhidos por essa razão. De preferência, os estudos de caso individual devem ser selecionados da mesma forma que um pesquisador de laboratório seleciona o assunto de um novo experimento. (YIN, 2005, p. 54)

Ou seja, cada “caso é um caso” e deve ser tratado como tal. “Sob tais circunstâncias, o método de generalização é a generalização analítica, no qual se utiliza uma teoria previamente desenvolvida como modelo com o qual se devem comparar os resultados empíricos do estudo de caso” (YIN, 2005, p. 55).

No capítulo 2, o autor se detém longamente sobre a importância de se projetar estudos de caso, chamando a atenção para a circunstância de que nenhum estudo pode ser concebido como algo fechado. Embora seja fundamental definir limites, unidades de análise, critérios e fundamentos lógicos, para a realização de projetos de pesquisa, não devemos perder de vista a possibilidade de flexibilização do estudo. “A questão aqui é que a flexibilidade necessária não deve reduzir o rigor com o qual os procedimentos do estudo de caso são seguidos”.

Outro aspecto salientado pelo autor refere-se à preocupação que o investigador deve observar, em relação à preparação para coleta de dados. Segundo Yin (2005), é fundamental que o investigador reflita sobre as habilidades para a realização de estudos de caso, como experiência prévia, sagacidade para fazer boas perguntas, capacidade de não se deixar levar por seus preconceitos e ideologias, flexibilidade para se adequar às situações adversas etc.

Em linhas gerais, podemos dizer que Yin aponta o caminho de ida e volta para a realização do estudo de caso. Ao longo do percurso, ilustra a discussão com vários exemplos, destacando a importância da utilização de várias fontes, da criação de um banco de dados e do encadeamento das evidências, por ocasião da redação do relatório final.

Quando o estudo de caso é mais adequado?

Quando iniciamos uma pesquisa, isto é, projetamos uma pesquisa, devemos nos ater a quatro questões básicas. Qual é o problema a ser investigado? Por que é relevante estudar tal problema? Que

objetivos se pretende alcançar? E, finalmente, como executar tal pesquisa? Para que saibamos quando o estudo de caso é o mais adequado, o autor nos sugere que o tipo de questão de pesquisa é que pode nos dar respostas a essa pergunta.

A essência de um estudo de caso está, pois, no fato de ser uma estratégia para pesquisa empírica empregada para a investigação de um fenômeno contemporâneo, em seu contexto real, possibilitando a explicação de ligações causais de situações singulares.

As chances de sucesso da pesquisa baseada no estudo de caso aumentam significativamente tanto quanto o “**design**” for bem feito. Ou seja, a constituição de uma pergunta de partida clara e objetiva; proposições orientadoras para o estudo; definição de unidades de análise; definição de critérios de interpretação dos “achados”, alinhavados com o referencial teórico, são apontados pelo autor como quesitos fundamentais para esse “**design**”.

Como avaliar a qualidade do “design” da pesquisa

Em primeiro lugar, devemos verificar a **validade do constructo**: será que as definições conceituais e operacionais dos principais termos e variáveis do estudo – que definem o que se quer estudar ou descrever – estão claras?

Em segundo lugar, a **validade interna**, ou seja, o estabelecimento de relações causais que expliquem por que determinadas condições (causas) levam a outras situações (efeitos). Em resumo, devemos testar a coerência interna entre as proposições iniciais, desenvolvimento e resultados encontrados.

Em terceiro lugar, a **validade externa**, isto é, estabelecer o campo ou campos sobre os quais os resultados podem ser generalizados – testar a coerência entre os resultados do estudo e resultados de outras investigações semelhantes.

E finalmente, a **confiabilidade**, quer dizer, demonstrar que o estudo pode ser replicado. Neste caso, o protocolo do estudo de caso e a base de dados do estudo são fundamentais para os testes de confiabilidade.

O protocolo é, portanto, uma estratégia que prevê os procedimentos e regras a serem seguidas. A função do protocolo é servir como guia do investigador, aumentando assim a confiabilidade da pesquisa. O protocolo deve conter os seguintes elementos:

- informação sumária sobre o referencial teórico que sustenta o estudo;

- documento que possa informar aos entrevistados quais são os objetivos da pesquisa, e suas questões orientadoras iniciais.

Como preparar um estudo de caso

Este é um aspecto para o qual Robert Yin dá especial destaque. Tão importante quanto o “**design**” é a preparação para a “visita ao campo”. Isto é, o treinamento do investigador é essencial para assegurar as habilidades desejadas para extrair do caso as informações relevantes, através de procedimentos fundamentados na capacidade perceptiva e na capacidade analítica. Como já foi ressaltado anteriormente, é desejável que o investigador seja capaz de formular boas questões; seja bom ouvinte e flexível, sem perder o rigor; ter bom conhecimento sobre os temas estudados.

Em suma, como coleta e análise de dados ocorrem concomitantemente, o investigador atua como um detetive que trabalha com evidências convergentes e inferências, o que exige dele a capacidade de interpretar as respostas obtidas. Isto quer dizer que “boas respostas” dependem de “boas perguntas”.

Portanto, alguns cuidados são fundamentais para assegurar minimamente, ao investigador, a “boa entrada” no campo de estudo, como, por exemplo:

- antecipação de contatos com possíveis entrevistados ou com gestores das organizações que serão sujeitos/espacos da pesquisa;
- organização do material necessário à pesquisa (equipamentos de gravação, material para notas etc.);
- estabelecimento de cronograma da pesquisa de campo;
- sempre que possível, realização de **estudos de casos-piloto**, que podem antecipar algumas situações a serem enfrentadas, durante a pesquisa.

Tipos de estudos de caso

Segundo Yin (2005), os estudos de caso podem ser causais/exploratórios ou descritivos.

- Causais/exploratórios: trata-se de um modelo de estudo de caso que, embora não se resuma à exploração, permite ao investigador elencar elementos que lhe permitam diagnosticar um caso com perspectivas de generalização naturalística;
- Descritivos: possibilitam, ao investigador, a descrição de fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto real.

Essa classificação prévia não indica, necessariamente, uma hierarquia de estudos de caso, uma vez que esse tipo de investigação:

- enfrenta uma situação tecnicamente única, em que haverá muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados;
- baseia-se em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir em um formato de triângulo;
- beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas, para conduzir a coleta e a análise de dados. (YIN, 2005, p. 33)

Em outras palavras, o autor nos indica que o estudo de caso vai além de uma simples estratégia de coleta de dados, “[...] mas uma estratégia de pesquisa abrangente. A forma como a estratégia é definida e implementada constitui, na verdade, o tópico do livro inteiro” (YIN, 2005, p. 33).

Fontes de dados

As fontes dos estudos de caso variam de acordo com a natureza do caso investigado. Essas fontes podem ser:

- **Documentais:** a pesquisa documental deve constar do plano de coleta de dados. O material coletado e analisado é utilizado para corroborar evidências de outras fontes e/ou acrescentar informações. É preciso considerar que nem sempre os documentos retratam a realidade. Por isso, é importantíssimo tentar extrair das situações as razões pelas quais os documentos foram criados. Os documentos podem fornecer “pistas” sobre outros elementos.

- **Entrevistas:** as entrevistas constituem a principal fonte de evidências de um Estudo de Caso. Trata-se de relato verbal sujeito a problemas de viés, recuperação de informações e/ou de articulação imprecisa. Sempre que possível, recomenda-se o uso do gravador de áudio. Há três tipos de entrevistas: **aberta** – para extrair fatos; opiniões, “insights”; **focada** – perguntas previamente formuladas. Servem para corroborar o que o investigador pensa a respeito de determinada situação. A terceira maneira de condução de uma entrevista é a **estruturada** – perguntas pré-formuladas, com respostas fechadas.

Como mencionado anteriormente, o estudo de caso possibilita a triangulação de dados como estratégia de validação. Portanto, o autor recomenda que se empreguem **múltiplas fontes de evidência** em relação ao mesmo fenômeno; a construção de uma **base de dados**, através de notas, documentos, tabulações e narrativas (interpretações e descrições dos eventos observados, registrados etc.); estabelecimento de uma **cadeia de evidências**, que possibilite ao leitor a percepção de evidências

capazes de legitimar o estudo, desde as questões de pesquisa até as conclusões finais.

Por fim, o autor sugere que um estudo de caso “atraente” deve reunir algumas características básicas:

Engajamento, instigação e sedução – essas são características incomuns dos estudos de caso. Produzir um estudo de caso como esse exige que o pesquisador seja entusiástico em relação à investigação e deseje transmitir amplamente os resultados obtidos. (YIN, 2005, p. 197).

Recebido em setembro de 2007

Aceito em fevereiro de 2008